

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: ANTONIO CARLOS FIGUEIREDO COSTA

TÍTULO: NO ENCALÇO DE MARX: A ESTÉTICA MARXISTA E A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA DO CIDADÃO.

AUTORES: ANTONIO CARLOS FIGUEIREDO COSTA, ANTONIO CARLOS FIGUEIREDO COSTA

PALAVRA CHAVE: KARL MARX, MARXISMO, ARTE, ESTÉTICA, GRAMSCI, TEATRO

RESUMO

No encalço de Marx: a estética marxista e a construção da consciência política do cidadão.

Resumo:

A presente comunicação procura identificar as fontes da estética marxista, investigando a constituição dessa através do exame de alguns dos seus mais destacados autores que vieram a contribuir para um campo de imenso valor cognoscente e grande potencial heurístico. Nesse sentido, o trabalho que desenvolvemos procura inquirir epistemologicamente acerca das possibilidades de atuação de algumas formas de arte, como o teatro político, e o papel que esse pode vir a desempenhar na formulação de uma pedagogia do cidadão, identificada aqui como o oferecimento às chamadas 'classes subalternas' de uma concepção de mundo coerente e homogênea à sua realidade social. No entanto, cumpre lembrar que os textos da lavra de Karl Marx que abordaram temas que transitaram pelo universo das artes e do pensamento estético – como a introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política e os Manuscritos Econômico Filósoficos, obras da mocidade desse filósofo – foram conhecidos de um maior público de forma bastante tardia, tendo sido estampados respectivamente somente em 1903 e 1931. Costuma-se imputar tal fato a diversos fatores, elencando-se entre esses desde os interesses corporativos que transitavam pela II Internacional (1889-1916), ou mesmo pela deficiente avaliação que teria desconsiderado que o caráter radicalmente novo proposto pela concepção marxista do mundo deveria implicar também, pela dialética a ela imanente, uma nova teoria do conhecimento. Para Adolfo Sánchez Vázquez, mesmo nas obras lavradas sob caráter filosófico ou econômico, como as já mencionadas obras da juventude de Marx, mas também em um livro de sua maturidade como O Capital, podemos encontrar idéias que:

"...possuem uma relação direta com problemas estéticos e artísticos fundamentais: a arte e o trabalho, a essência do estético, a natureza social dos sentidos estéticos, a arte como forma de superestrutura ideológica, o condicionamento de classe e relativa autonomia da obra artística, o desenvolvimento desigual da arte e da sociedade, as relações entre a arte e a realidade, a ideologia e o conhecimento, a criação artística e a produção material sob o capitalismo, a arte e a realidade, a perdurabilidade da obra artística, etc." (VÁZQUEZ, 1968, p.10)

Com efeito, o sentido maior que envolveria as formulações de uma estética marxista transitam pelo interesse de uma transformação do mundo que deve necessariamente remover as amarras que a forma de produção adotada pelo capitalismo fez descer sobre os homens. Cabe ressaltar que a estética marxista envolve algumas formulações que contestam a divisão de trabalho imposta aos homens na sociedade de classes sob o sistema capitalista, ou seja, a estética marxista parte de uma suposição que a arte não é uma atividade direcionada somente a indivíduos excepcionais, o que valeria dizer, a alguns especialistas escolhidos por seus talentos que passam a desligar-se da massa do povo. Pois uma sociedade no rumo do socialismo deve pretender que não ocorram mais as limitações que fazem do homem um ser unidimensional, sob uma esfera exclusiva de atividades, mas alguém que venha a se tornar completo no ramo no qual desejar, ou como escreveu Tom Bottomore, fazendo "uma coisa num dia e outra coisa amanhã, caçar pela manhã, pescar à tarde, cuidar do gado ao entardecer e dedicar-se à crítica depois do jantar, sem que, por isso, o indivíduo deva tornar-se caçador, pescador, pastor ou crítico" (1988, p.18). Posta sob o formato de pesquisa bibliográfica, no que se utiliza dos escritos daqueles teóricos que se dedicaram com afinco ao estudo das possibilidades abertas à politização das artes enquanto resposta paupável à estetização da política, nomes como Antonio Gramsci e Walter Benjamin, mas também dialogando com aqueles que fizeram dessa forma de arte a sua prática profissional– casos de Erwin Piscator e Bertolt Brecht – nosso cogito inquire ainda acerca da extrema atualidade quanto ao emprego dessas formulações artísticas em uma era de avanço das ideias neoliberais, sob o espectro da perda de direitos sociais arduamente conquistados, mediante a imposição de repactuações de caráter nebuloso, sob a orquestração do Estado tornado espécie de gendarme dos interesses do capital. É nesse sentido que se afirma a relevância tanto teórico-epistemológica, quanto social da presente pesquisa, por propor o exercício de formas teatrais como o teatro político (Piscator), o teatro dialético (Brecht) ou ainda o teatro do oprimido, conforme proposto por Augusto Boal. Utilizar-se conscientemente das lições da História passa então a significar, no mundo das artes, a libertação do sistema coercitivo aristotélico que propunha ao espectador a catarse, para oferecer a esse o papel de protagonista e agente consciente do seu devir, pela conscientização e ação de recuperação dos espaços públicos e inscrição das suas demandas na agenda pública, obra que é enfim cidadã, que busca interpretar coerentemente a herança histórica e cultural herdada por todos, reconciliando por fim, o homem com a sua humanidade.

Bibliografia:

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: BENJAMIN, Walter et. ali. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.2-28.

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOTTOMORE, Tom. Verbete Arte. In: BOTTOMORE, Tom (org.). Dicionário do Pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p.17-20.

BRECHT, Bertolt. Teatro dialético. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

KONDER, Leandro. Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

PISCATOR, Erwin. Teatro político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. As idéias estéticas de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.